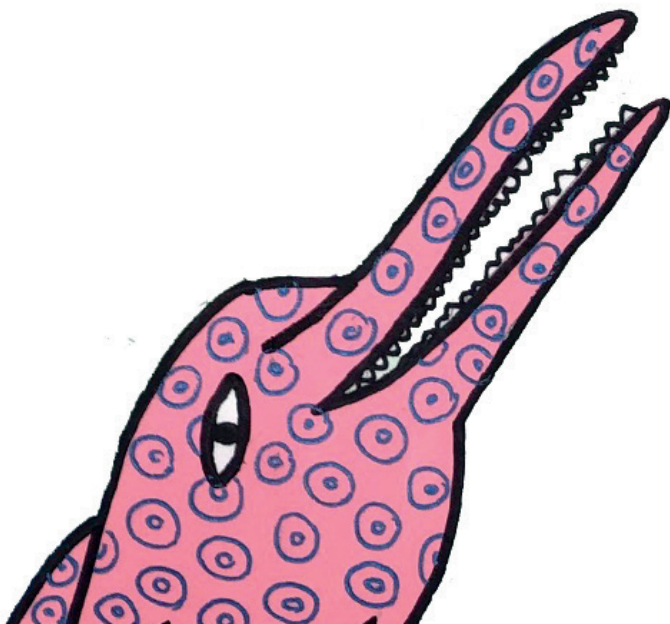


ARTE COMO (RE)EXISTÊNCIA

Mariana Tavares Silva



SÃO PAULO
2021

A CASA TOMBADA
FACONNECT- FACULDADE CONECTADA

Orientadora
Camila Feltre

Orientanda
Mariana Tavares Silva

A CASA TOMBADA
FACONNECT- FACULDADE CONECTADA

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU - O LIVRO PARA A INFÂNCIA:
PROCESSOS CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO,
CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO

ARTE COMO (RE)EXISTÊNCIA

Mariana Tavares Silva

Trabalho de conclusão de curso apresentado À Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título especialista em Pós- Graduação Lato Sensu - O Livro para a Infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, orientação de Camila Feltre.

SÃO PAULO
2021

***A arte serve para transformar a realidade dura
em algo transcendente***

Alex Frechette

AGRADECIMENTOS

Eu começo este agradecimento às pessoas que me deram a vida: meus pais. Eles são meus exemplos, minha força, meu incentivo diário. Eles não me deixam desistir e me apoiam em tudo que faço. Agradeço aos meus irmãos, às minhas cunhadas, ao sobrinho Paulinho e a toda minha família e amigos por tanto amor e carinho.

À Camila Feltre, minha orientadora querida, que teve tanta paciência, zelo, cuidado, atenção com as minhas questões, que tornou esse processo da escrita prazeroso e me fez querer continuar.

À Cristiane Rogério, por todas as leituras, por me apresentar o universo do Livro Ilustrado, por tantos ensinamentos.

À Casa Tombada, que foi mais que um lugar de aprendizado, mas um lugar de acolhida e abrigo, que também se tornou a minha casa.

A todos os meus colegas da pós, foram tantas trocas tão ricas e eu levo comigo um pedaço de cada um de vocês.

Ao meu padrinho Edgard, que foi quem me disse as palavras mais lindas que carrego no coração.

À minha amiga Luíza Pacheco, por tantas conversas e trocas que me fizeram uma pessoa melhor.

Às autoras Anita Prades e Natália Gregorini, convidadas para compor a minha banca, que são verdadeiras inspirações para mim, por todas as contribuições com o meu trabalho.

Ao querido mestre Odilon Moraes, que me mostrou o verdadeiro significado de ilustrar e trabalhar com o que se ama.

A todos os professores da pós, pela riqueza e generosidade em cada aula.

A todos que participaram do desafio, pelos comentários e sugestões de temas que me fizeram sair da caixa.

A Deus, pela minha vida, pelo meu talento e por me permitir levar a minha arte a muitas pessoas.

Muito obrigada!

Mariana Tavares

INTRODUÇÃO

Desenhar. Já me perguntei, inúmeras vezes, por que eu gostava tanto de desenhar – de próprio punho, em muitas ocasiões, o esforço ingrato do trabalho intelectual ser recompensado, a meus olhos, pelo prazer de ter diante de mim – qual mesa de bilhar – uma bela folha de papel e uma boa pena. Raciocinando sobre o que devo desenhar – é o que acontece nesse momento -, sinto minha mão movimentando-se, girando, ligando, mergulhando, levantando e, frequentemente, devido ao jogo das correções, riscando ou fazendo surgir a linha, ampliando o espaço até a margem, construindo assim, a partir de traços pequenos e aparentemente funcionais, a imagem, um espaço que é, simplesmente, o espaço da arte: sou artista, não que eu represente um objeto, porém, mas fundamentalmente, porque durante o ato de desenhar, meu corpo frui do prazer de traçar, de talhar ritmicamente uma superfície virgem. Esse prazer deve ser muito antigo¹.

Em maio de 2020, em meio à pandemia que estávamos vivenciando por conta da Covid-19, provocações do professor e escritor Fábio Monteiro² durante aula da pós O livro para infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, n'A Casa Tombada, me afetaram. São elas: “A gente resolve uma dor colocando algo no lugar?”, “É preciso entender aquilo que a gente é”, “Crise é uma possibilidade de transformação, de mudança” (informação verbal). Essas frases me fizeram repensar a forma como eu estava encarando o meu trabalho enquanto artista, porque eu estava a ponto de desistir novamente.

¹ Adaptado do texto de Roland Barthes, substituindo termos Escrita e escrever por desenhar.

² Fábio Monteiro nasceu em Recife/PE e perdeu as contas dos anos que mora em São Paulo. Formado em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, especializou-se na PUC/SP em História, Sociedade e Cultura. Conta histórias verdadeiras para seus alunos, mas inventa algumas outras que se tornam verdades por meio da literatura para infância e juventude. Em 2016 foi contemplado com o Prêmio Jabuti na categoria juvenil com o livro “Cartas a povos distantes” (2º lugar). Nota retirada do site Gato Leitor.

Eu estava em meio a uma crise. Há um ano, havia abandonado uma vida estável em um concurso público para trabalhar como ilustradora, sem muito entender a diferença entre desenho e ilustração ou saber algo sobre o universo do livro ilustrado. Mas após iniciar meu percurso na pós-graduação O livro para infância, eu tinha certeza de que era este o meu caminho. Até que em março de 2020, obrigados a nos trancarmos em casa por conta da pandemia, sem estabilidade ou segurança, vi toda essa certeza e segurança caírem por terra e os desenhos foram a primeira coisa que eu quis abandonar.

E em uma conversa com um amigo também artista, ele me disse que nós não escolhemos ser artistas, mas nascemos assim. E ele me incentivou a participar de um desafio chamado “Mermay”, “Mer” do termo “mermaid”, ou sereia em inglês, e “may”, de maio em inglês. O desafio consistia em desenhar uma sereia por dia com temas determinados pelo criador do concurso, durante todo o mês de maio, que coincidiu com as aulas de Monteiro, reforçando minhas escolhas do caminho.



3

Monteiro disse que se comprometer com o caminho é buscar algo que consolide o meu discurso e a minha prática para ganhar autoridade naquilo que falo, ou seja, as minhas escolhas precisam ser consistentes.

³ Imagem do desafio Mermay, que serviu como disparador para que eu iniciasse o desafio the100daysproject.

Entendi que a minha arte precisava me tocar porque eu a entendia, porque conseguia enxergar beleza, dor, agonia, estranhamento.

Segundo Monteiro, o lugar da sensibilidade não é um lugar fácil de conquista. Ele se dá também pela experiência. A formadora e professora da pós-graduação Luiza Christov⁴, afirmou em sua aula, “A pesquisa acadêmica que pensamos a partir de uma experiência, nos permite escrever sobre ela e contar sua história. E, ao contar a história, podemos trazer recursos de linguagem que ajudam a mostrar a verdade sobre ela”⁵.

Ponderando isso e a experiência enquanto algo que nos transforma, permitindo o processo e o percurso, resolvi escrever sobre a minha experiência no projeto The100dayproject, que me acompanhou durante a quarentena.

Se desenho não é só habilidade de ilustrar, mas de representar a narrativa, colocando minha visão de mundo e minha identidade e pensando que quando desenhamos, deixamos para o outro o que temos de melhor, embarquei em um projeto que consistia em fazer um desenho por dia durante 100 dias.

A ideia para o projeto de conclusão de curso para a pós-graduação O Livro para Infância é contar sobre essa experiência, do meu processo criativo como ilustradora, fazendo, além da exposição dos desenhos, um diálogo sobre as diversas linguagens das narrativas imagéticas, refletindo sobre as influências das referências, em como criei as minhas próprias e do que dependeram essas escolhas. Pretendo contar também sobre as dificuldades, como surgiram as ideias, como é o percurso de cada ilustração, o pensar na cor da página, formato, tamanho, disposição e **como isso reverbera para construção das narrativas**.

⁴ Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov, doutora em Psicologia da Educação(PUC-SP) e mestre em Educação: História, Política, Sociedade (PUC-SP). É professora e pesquisadora aposentada do Programa de Pós Graduação em Artes/ Instituto de Artes da UNESP.

⁵ Fala durante aula online da pós-graduação “O livro para infância”, do dia 4 de julho de 2020.

1 Um pouco da minha história

Meu nome é Mariana Tavares, sou mineira, nascida na capital, Belo Horizonte. Desde que me entendo por gente, acredito que com três anos, eu já desenhava. Era uma das minhas atividades favoritas e a minha mãe dedicava todo tempo do mundo para me incentivar. Meus principais desenhos nesse período eram flores, corações e borboletas, sempre com muita cor.



6

Durante a minha infância e adolescência, me destacava nas aulas de artes e cheguei a ganhar alguns concursos por conta da minha habilidade com arte: um concurso em que representei

⁶ Imagem do desafio the100daysproject com tema Borboletas.

um presépio de Natal com massa de modelar e também um concurso de desenho que me levou à Disney com tudo pago aos 14 anos.

Acreditando ser meu único caminho a seguir como profissão, fiz vestibular para Belas Artes, mas não passei na prova de aptidão física. E me perguntei o que faria da vida se tudo que eu acreditava fazer bem era desenhar. Desta forma, comecei a faculdade de Publicidade e Propaganda.

No período da faculdade, aprendi muito sobre cores, composição, mensagem subliminar, fatores que certamente contribuíram para que eu viesse, anos mais tarde, trabalhar com ilustração.

Mesmo formada em Publicidade, o meu sonho era cursar Belas Artes e então eu prestei vestibular novamente e fui aprovada. Mas logo no 3º período, um professor faculdade disse que eu nunca seria artista porque eu não tinha conseguido fazer uma atividade com uma técnica que ele tinha passado. E por conta desse episódio, eu fiquei seis anos sem desenhar.

Em 2010, fui aprovada no concurso público para assistente administrativo da Prefeitura de Belo Horizonte e após trabalhar três anos na Ouvidoria da Educação, fui transferida para o Núcleo de Artes, para trabalhar com peças gráficas e criação. A partir desse momento, voltei a desenhar para inserir meus desenhos nas peças.

Ao ver meus desenhos, uma colega de trabalho comentou que eu deveria ilustrar livros, algo que eu nunca tinha pensado. Até então, trabalhar com arte para mim seria em galerias, museus, envolvendo pintura de quadros e até mesmo camisetas. Mas nesse período eu estava cursando mestrado em Letras pela UFMG e não me abri para ilustração de livros.

Assim que defendi o mestrado, fui apresentar meus desenhos para uma editora que estava começando suas atividades em Belo Horizonte e ela me entregou meu primeiro trabalho e desafio, eu iria ilustrar um livro.

Em janeiro de 2018, entrei para o ramo da ilustração. Mesmo sempre desenhando, eu não tinha pensado em fazer livros ou tornar desse fazer o meu sustento. Um ano depois,

particpei de uma oficina do livro ilustrado com Odilon Moraes e Carolina Moreyra⁷, pesquisadores e autores de livros ilustrados, e lancei o primeiro livro de minha autoria: A menina que não se encaixava, produzido de forma independente com duas amigas do coletivo de criação Gafanhoto verde-sol. Foi dessa forma que fiquei conhecendo A Casa Tombada e pouco depois ingressei na pós-graduação O livro para Infância.

Há três anos, pedi exoneração do concurso público em que atuava, e há dois, pedi demissão de um serviço na iniciativa privada para trabalhar e me dedicar mais aos livros e à arte. E desde então, já tenho mais de 30 livros publicados como ilustradora. Eu estava muito segura da minha decisão, com muitas oportunidades surgindo, inclusive a de ilustrar o material didático de uma escola no Piauí. Até o começo da pandemia, em março de 2020, em que esse contrato foi suspenso e com todas as inseguranças do que estava acontecendo no mundo todo, eu pensei imediatamente em desistir da arte.



⁷ Oficina de Criação de Livro Ilustrado – com Carolina Moreyra e Odilon Moraes n’A Casa Tombada em janeiro de 2019, em São Paulo/SP.

⁸ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Luta Antirracismo.

Eu me senti um fracasso. Como disse Luiza Christov, “fracasso é a manifestação da nossa resistência”⁹. O nosso fracasso nos constitui, vou em busca do que me falta e isso também é uma forma de buscar conhecimento. E assim eu fui, movendo-me no mundo, recebendo o mundo e criando o mundo, como ela mesma discorre.

Foi em uma conversa despretensiosa com um amigo da época da faculdade de Belas Artes, que ele me aconselhou a participar do desafio Mermay, desenhando uma sereia por dia durante todo o mês de maio. Foi a partir desse momento que tudo mudou. Em toda minha vida, mesmo quando eu era criança, eu nunca tinha desenhado ininterruptamente por tanto tempo. Foram 31 dias desenhando sereias com os temas mais diversos possíveis, desde Star Wars e Titanic até desenhos rupestres.

Com as sereias, eu vi o engajamento do meu perfil @coresdoquintal no instagram crescer muito. As pessoas ficavam esperando qual seria o tema do dia seguinte ou como eu representaria a sereia com o tema proposto. E faltando pouco para finalizar os 31 dias/desenhos, eu senti que precisava continuar desenhando todos os dias, porque era isso que estava me dando força e me tirando da insanidade e da solidão que a pandemia trouxe.



10

⁹ Fala durante aula online da pós-graduação “O livro para infância”, do dia 4 de julho de 2020.

¹⁰ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Belo Horizonte.

A partir desse momento, eu tinha escutado falar sobre outro desafio que consistia em fazer desenhos durante 100 dias, o The 100 day Project e eu decidi encará-lo, mas criando eu mesma as minhas próprias regras.

A arte entrou na minha vida nesse momento não só como um movimento de resistência e de sobrevivência, mas influenciou a forma como passei a lidar com o outro nesse processo, como disse a professora Luiza Christov, isso indica que sou capaz de cuidar de mim e do outro, mas também como um movimento de re-existência, de ressignificar meu trabalho enquanto artista, de ressignificar técnicas e de ressignificar a mim mesma, enquanto ser humano que tentava pulsar em meio ao caos.

2 The 100 day Project – o projeto dos 100 dias

Michael Bierut¹¹, design gráfico, iniciou o projeto em 2007, com estudantes de graduação em design gráfico na faculdade de Yale School of Art. Elle Luna trouxe o projeto para o instagram em 2014, e em 2017, Lindsay Jean Thomson¹², escritora, co-liderou o projeto, dando uma repercussão mundial. Não existe data certa para iniciar o projeto, a proposta é incentivar a prática diária.

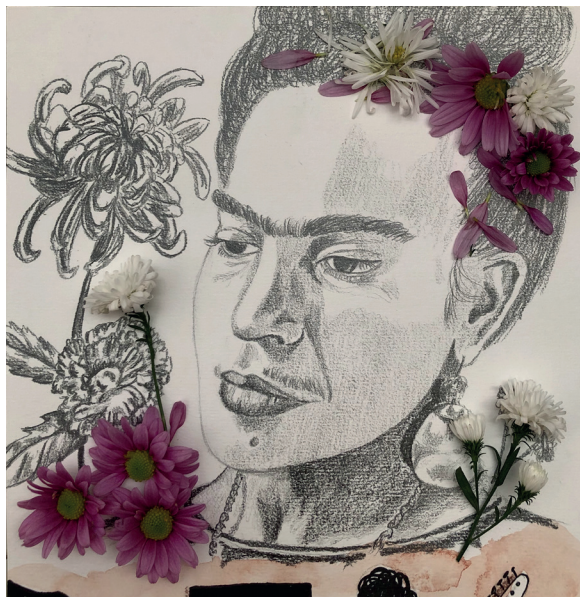
Neste website: <https://the100dayproject.org/> é possível ver todas as regras de como participar do desafio. E mesmo sendo livre para qualquer pessoa iniciar esse trabalho na data que bem entender, no site eles sempre postam uma data comum em que vários artistas do mundo inteiro começariam juntos o mesmo desafio, cada um na sua especificidade.

Desta forma, dia 1º de junho de 2020, comecei o **The100dayproject**. A ideia era fazer um desenho por dia durante 100 dias, ininterruptamente, para estimular a prática, a criatividade, a busca por novas referências de ilustradores e artistas, a utilização de novas técnicas e materiais, a interação com os seguidores do meu perfil no Instagram @coresdoquintal.

¹¹ Michael Bierut estudou design gráfico na Universidade de Cincinnati e é sócio do escritório da Pentagram em Nova York desde 1990. Michael é crítico sênior em design gráfico na Yale School of Art.

¹² Lindsay Jean Thomson é escritora e cofundadora da Women Catalysts (<https://www.womencatalysts.com/>), um projeto que promove network e discussões sobre direitos humanos, educação, mulheres, crianças, artes e redução da pobreza.

Além disso, participar do 100dayproject me permitiu criar livremente a partir do tema escolhido pelos próprios seguidores do perfil. Decidi que faria três desenhos diferentes com o mesmo tema, que seria escolhido por um dos seguidores, que faria a sugestão nos comentários das minhas fotos e eu sortearia o escolhido a cada trio finalizado. Ao permitir que os temas do desafio fossem escolhidos pelo meu leitor, eu modifico o processo e o transformo de leitor observador a participante, já que ele faz leituras e interfere, o que o aproxima. E assim foram mais de 30 temas diferentes ao longo dos 100 dias.



13

Como relatou André Neves¹⁴, autor, ilustrador e pesquisador de livros ilustrados, na aula online para a pós-graduação O livro para infância, no dia 8 de novembro de 2020, o olho é cheio de metamorfoses e eu posso transformar tudo que vejo. Percebi ao longo desse período de 100 dias que com as minhas imagens, desenhos, ilustrações, eu fui capaz de transformar não só a minha realidade, mas também a realidade de quem foi acompanhando todo o processo. Seguidores que sempre deixavam comentários em todas as imagens, que se surpreendiam ao longo dos temas sorteados, que comemoravam algum tema, mesmo que não tivesse sido sua própria sugestão. E com esse desafio, eu possibilitei que a arte

¹³ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Frida Kahlo.

¹⁴ André Neves nasceu em Recife (PE), mas atualmente reside em Porto Alegre (RS), onde trabalha pesquisando, escrevendo e ilustrando livros infantis. Estudou Artes Plásticas, é arte-educador e promove palestras e oficinas sobre literatura infantil e juvenil. Já publicou por Paulinas: A caligrafia de Dona Sofia, Menino chuva na rua do sol, Seca, e Mestre Vitalino, além de ter ilustrado vários livros de outros autores.

chegasse mais perto, mais próximo de leigos, de outros artistas, de estudiosos, trazendo também conforto, esperança, nostalgia. Trazendo a arte como algo acessível.

Contando dessa forma, parece que o processo todo foi muito fácil e tranquilo, mas não foi bem assim. Vários dias eu precisei desenhar depois que terminava meus outros trabalhos, muitas vezes comecei um desenho às 22h. Várias vezes me vi perdida no meio da síndrome do impostor, me achando incompetente, sem criatividade, fazendo só mais do mesmo. Muitas vezes eu tive preguiça, eu quis desistir, eu fiz desenho só por fazer, para não deixar de postar.



15

Mas ao mesmo tempo, trabalhar a continuidade, a persistência e desenhar mesmo quando eu não queria, não estava inspirada ou não tinha vontade, fizeram com que eu tivesse um

¹⁵ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Folclore Brasileiro.

olhar diferenciado para o meu trabalho enquanto artista e ilustradora. Como relatou André Neves, assumindo que eu fiz coisas ruins e construindo a minha consciência. Trazendo, conforme Anita Prades¹⁶, autora e pesquisadora, mencionou na aula online para a pós-graduação O livro para infância, em 17 de outubro de 2020, a “imaginação como repertório do potencial”.

Dessa forma, podemos compreender as diversas relações potenciais que a nossa imaginação pode transpassar. Nesse processo do desafio, eu estava percorrendo todas as infinitas possibilidades do meu repertório, fazendo uso de referências, retomando imagens da minha memória, de banco de imagens, dando voz à percepção e aos meus pensamentos para poder criar. Às vezes o desenho do dia seguinte já começava a criar forma na minha mente no dia anterior, ou até dois dias antes.

Se dar vida à imaginação não é tarefa fácil, além de todos esses desafios relatados, eu quis criar um feed contínuo. Todas as imagens do desafio estão conectadas, da primeira à 100ª (102ª no caso, porque 100 não é múltiplo de 3), a imagem não está sozinha, tem uma horizontalidade, um ganho de sentido a partir da outra. Há uma ligação entre elas. Mas cada uma também se conecta no sentido vertical. Desde o começo do desafio eu já tinha pensado que todas as imagens se conectariam, que todas estariam ligadas, nem que fosse por um traço, e isso para mim era importante porque eu queria que elas constituíssem uma única narrativa no final, mesmo com tantos temas distintos, elas eram a narrativa do meu processo, da minha história e da minha vida. Imagens deixam de ser imagens fixas e viram sequências, como em construções narrativas dos livros. À medida que a linguagem é compreendida, a pessoa estabelece uma relação com ela.

Segundo André Neves, imagens contam histórias, artistas contam histórias com uma imagem só e o ilustrador conta histórias narrativas com várias imagens. Beatriz Silva¹⁷ (2018, p. 2), jornalista e pesquisadora, dialoga com essa colocação, apontando que o livro ilustrado

¹⁶ Mestre no Programa de Pós-Graduação em Artes da UNESP, na área de Artes e Educação, em pesquisa financiada pela CAPES. Possui graduações em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), 2015. Atriz profissional formada pelo Curso Técnico em Arte Dramática do INDAC – Escola de Atores, 2014.

¹⁷ Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998). Atualmente é Editora assistente da Jornal O Estado de S. Paulo. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração.

contemporâneo é um “objeto em que a linguagem imagética tem um papel fundamental na construção da narrativa e em que texto e imagem se inter-relacionam para tecer uma história”.

SILVA (2018, p. 73-78) afirma ainda que o termo “livro ilustrado” é diferente de um “livro com ilustrações”, sendo que no segundo, as imagens são apenas utilizadas para decoração ou reforço. O ilustrador então produziria imagens com técnicas diversas para ampliar, enfatizar ou enriquecer as informações apresentadas no texto. O desafio que criei dos 100 dias não tem um texto no qual me inspirei para criar imagens, não faz decoro ou reforça algo dito. As imagens foram surgindo aleatoriamente a partir dos temas sugeridos pelos seguidores do perfil no instagram.

E para quem simplesmente acessa o perfil sem ter conhecimento de que elas são interligadas, elas não constituem uma narrativa, não contam uma história, seriam apenas imagens soltas.

A narrativa nesse desafio não está escancarada, escrita em algum texto, ela está por trás do trabalho, ao conhecer a minha história, ao ver cada solução que fui encontrando para representar cada tema, ao perceber o meu crescimento por trás desse trabalho. Eu contei uma história, a minha história, que acabou repercutindo na história de quem acompanhou o desafio.

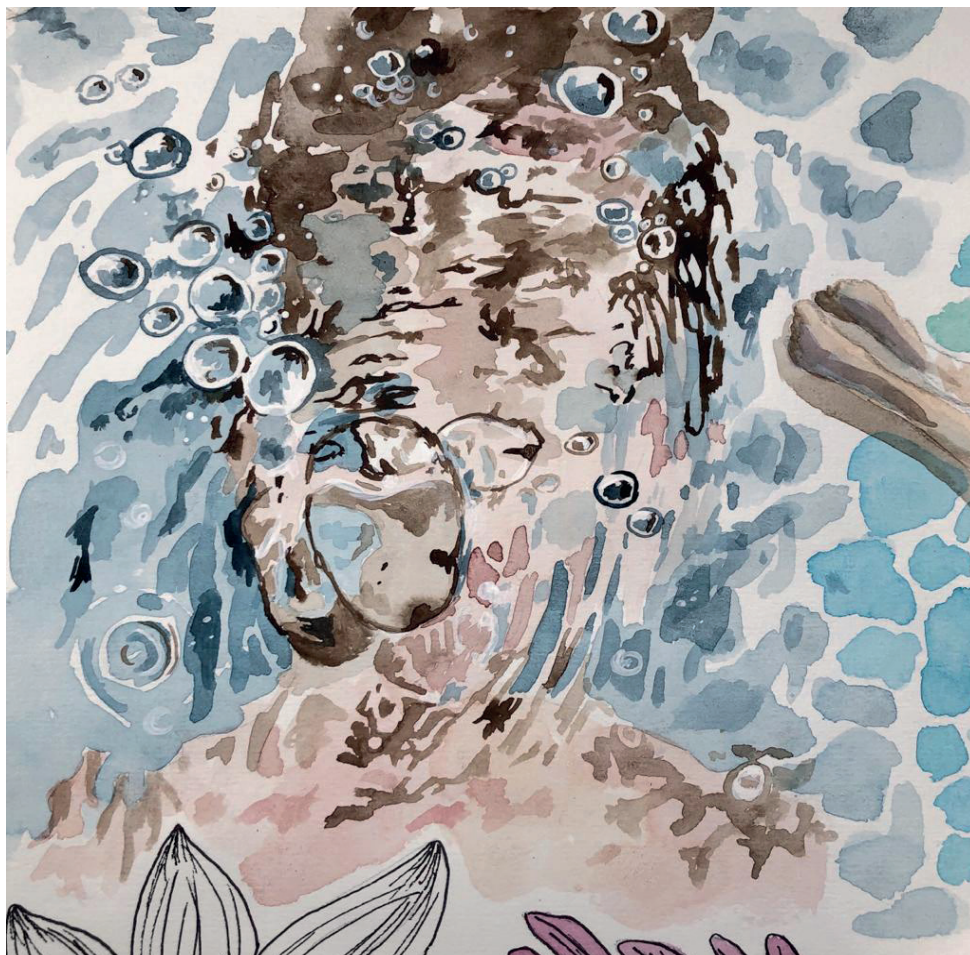
A escolha pelo suporte do instagram se deu por vários motivos. Primeiro, porque é uma ferramenta acessível e democrática, além de ultrapassar fronteiras da localização, porque qualquer pessoa do mundo inteiro pode entrar no meu perfil e ver os desenhos, já que meu perfil é aberto ao público. Ela é democrática porque é gratuita e só exige que você tenha um celular e acesso à internet.

Outro motivo da minha escolha pelo instagram é que dessa forma eu poderia atingir mais pessoas, justamente pelo amplo acesso, ainda mais no meio de uma pandemia, que não poderíamos ter contato, encontros. Além disso, o tempo da leitura se prolonga, porque as imagens continuam lá, vivas.

Acessar o perfil do instagram pelo celular é diferente de acessá-lo pelo computador. Pelo celular, é possível ver nitidamente as imagens conectadas e onde se integram. E esse era o meu objetivo. E, ao mesmo tempo, ao acessar pelo celular, as imagens ganham uma

espécie de moldura branca em volta, que as aproxima de quadros expostos em uma galeria. Então, eu consigo dois efeitos simultaneamente: a conexão e a individualidade de cada desenho. É possível olhar para os desenhos e enxergá-los do ponto de vista estético e visual, observando-os: sozinhos, em trio, no conjunto todo, e o espaço vazio entre eles.

3 Temas, pesquisa de técnicas e materiais



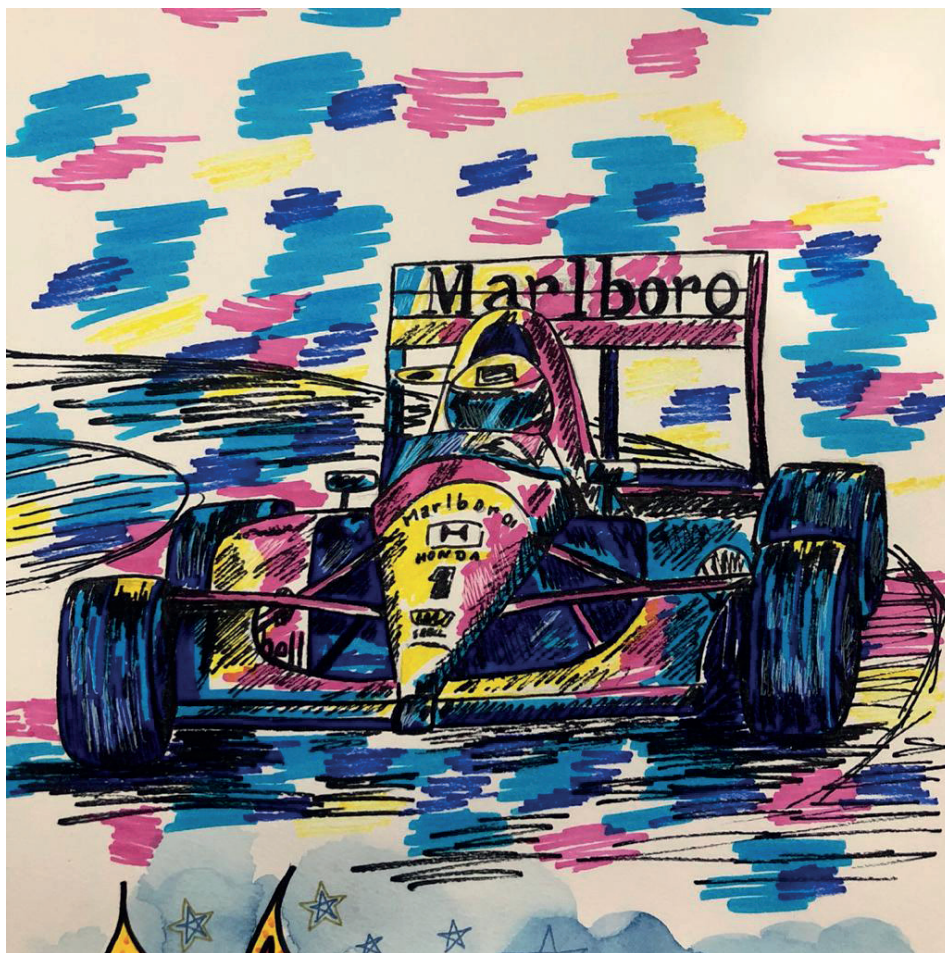
18

Aquarela, tinta acrílica, pastel seco, pastel oleoso, carvão, caneta hidrocor, giz de cera, lápis de cor comum, lápis aquarelado, lápis grafite, caneta nanquim, colagem, caneta em gel. Essas foram as técnicas que eu utilizei durante o desafio dos 100 dias.

¹⁸ Imagem do desafio the100daysproject com o tema David Hockney.

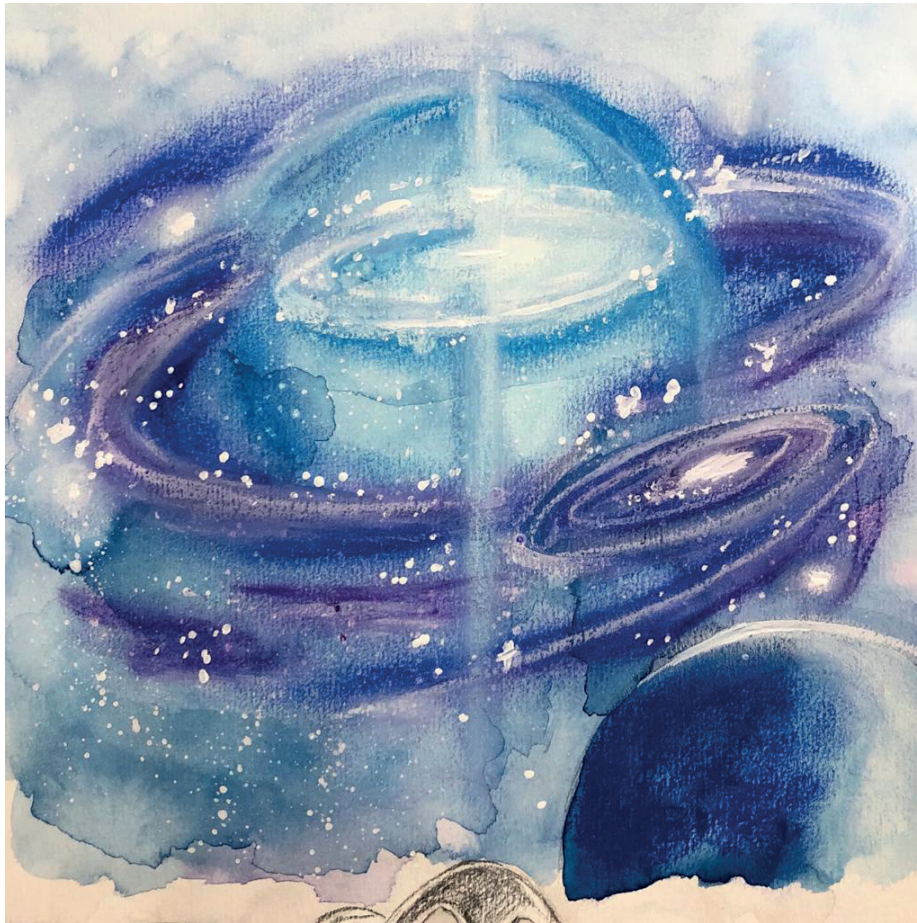
Eu já estava habituada a fazer trabalhos com aquarela e tinta acrílica. Mas o desafio me possibilitou utilizar essas mesmas técnicas de outra forma, misturando com algumas outras, ou deixando mais livre, como no tema praias do Nordeste brasileiro, em que utilizo tinta acrílica, mas faço a pintura com o dedo, ou no tema David Hockney, em que utilizo a aquarela solta, sem esboço, sem contorno, somente com muitas camadas para dar nuances, sombras e profundidade.

O que mais guardo desse processo foram alguns trabalhos em que me permiti utilizar materiais que não tinha habilidade antes ou que não tinha feito nenhum trabalho, a não ser na época de escola, como no tema Ayrton Senna com caneta hidrocor. O resultado me surpreendeu muito positivamente.



¹⁹ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Ayrton Senna.

Eu sinto que comecei o desafio na minha zona de conforto, com aquarela, logo depois acrílica, em seguida misturando essas duas com contorno e nanquim preto. Foi a partir do tema Universo, que comecei a me permitir mais e arriscar. Nesse tema especificamente, eu não fiz esboço, deixei a mão mais livre e solta, assim como ficou o resultado final do desenho. Achei que o tema exigia outra técnica, com muitas cores e para isso utilizei pastel seco. Foi um dos trios que demorei menos tempo para executar o desenho final e um dos meus favoritos até então.



20

Mas eu ainda estava um pouco contida. Senti que após o tema da Frida Kahlo, que foi sorteado no mesmo período em que eu estava passando por um momento pessoal de muita

²⁰ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Universo.

fragilidade, que os desenhos passaram a apresentar resultados que me surpreenderam muito. E conto como meus desenhos favoritos da Frida até o tema Folclore. São trios que eu me permiti reinventar até mesmo meus traços e trabalhar de forma diferente, criando quase uma estamperia com borboletas e flores e formas mais lúdicas e decorativas.

Pouco depois disso, após tantos temas que me deixaram orgulhosa do meu trabalho e tiveram uma ótima repercussão entre os seguidores, eu me senti pressionada a ser mais criativa, a não fazer algo comum para acompanhar a mesma linha dos últimos temas e foi nesse momento que a cobrança pessoal foi tão extrema que me travou. E ao sair o tema Disney, eu me vi limitada a replicar vários personagens já existentes.

Eu senti vergonha desses desenhos quando fiz. Não queria repostá-los, mas ao mesmo tempo, como eu não teria tempo suficiente para criar outro e não queria deixar de postar um desenho por dia para não quebrar a sequência, postei mesmo assim. Nesse momento que tive vergonha, pensei nos autores de livros ilustrados, nos colegas da pós, vendo um trabalho desses que eu considerei medíocre. E isso chegou a ser assunto de várias sessões de terapia. E do porquê eu me cobrava tanto isso, se tinha feito um desenho lindo aos olhos leigos.

A pergunta que ficava na minha cabeça era o que eu queria com a arte. Se era atingir pessoas comuns (pessoas que não tinham acesso à pós, por exemplo, ou que não tinham a arte como parte do seu cotidiano ou estudo), trazer conforto, nostalgia, aproximar a arte da realidade delas, eu tinha cumprido esse objetivo. Então, por que fiquei tão insatisfeita? Porque até esse momento, entrando na pós e embarcando no território do livro ilustrado, comecei a pensar que era só esse tipo de conteúdo, arte e material que era bom, adequado, apropriado. E que era somente esse o caminho a seguir. Mas recriando desenhos da Disney, eu estaria me distanciando desse caminho.

Novamente eu cito o Lucas aqui, meu amigo e colega da pós, que me ajudou a enxergar a múltipla pessoa que sou, as múltiplas possibilidades da arte e que eu poderia ter objetivos diferentes com a minha arte e não precisava negar ou descredibilizar o que eu já era: uma artista.

Decidi me permitir criar outro trio com o mesmo tema da Disney, fazendo críticas às princesas e criando a minha arte a partir dessa inspiração. Na legenda desse novo trio, postei o seguinte texto:

Nada como um dia após o outro. Como tudo na vida, essa montanha-russa de emoções que insiste em nos rodear. Dias bons, dias ruins. E todos eles passam. Momentos bons e ruins servem de aprendizado. E passar pela tempestade nos deixa mais fortes. Faz parte do processo de evolução e crescimento.

O desenho de hoje eu fiz para mim mesma, que estava precisando de um carinho e de um olhar mais amoroso comigo. Para eu me lembrar do quanto sou capaz e forte.

E a princesa de hoje, uma das minhas favoritas, que agora não precisa de príncipe nem nada para salvá-la, porque ela é dona de si mesma.

É como Odilon disse, o artista está sempre experimentando. Não existe erro, tudo é aprendizado. E tudo faz parte de um processo no qual devemos considerar toda a nossa trajetória.

Nem todos os desenhos eu achei incríveis, maravilhosos. Mas eu vejo o quanto cada um foi importante para o meu processo. Os que fiz porque tinha que postar e eu não queria quebrar a sequência. Os que me exigiram muita pesquisa. Os que me deixaram desesperada com a folha em branco. Os que passei o dia fazendo e não gostei do resultado. Os que fiz em segundos e amei. E olhando agora que tudo acabou, não existe outra palavra para descrever meu sentimento a não ser orgulho.

No ANEXO I, eu falo um pouco mais com detalhes de cada um dos temas sorteados nesse desafio.

Natália Gregorini²¹, autora e ilustradora, inicia sua dissertação contando um pouco do seu processo de pesquisa e evolução com os desenhos, das experimentações, tentativas e frustrações, dos autores que foram suas inspirações, até se encontrar com a técnica de gravura. Em seu relato, a sua primeira gravura foi em 2011, mas somente em 2013 e 2014, durante seu intercâmbio em Portugal, que ela começou a utilizar gravuras para criação de

²¹ Natália Gregorini nasceu em Vilhena, Rondônia, em 1990. É formada em artes visuais pela unicamp, onde também fez também o mestrado na área de poéticas visuais e pesquisa o processo de criação de um livro ilustrado.

livros. Isso me fez pensar no meu próprio processo. Ela, uma autora de renome, também teve dúvidas, também teve frustrações. Precisou percorrer vários caminhos até se encontrar com uma técnica. E tudo isso humaniza um pouco mais o trabalho do artista, o meu trabalho mais especificamente, em saber que uma pessoa que admiro também teve dúvidas, também precisou experimentar e tentar. E tira um pouco a minha ânsia do imediatismo.

Como sempre fui muito agitada, acelerada, sempre pensei que teria que criar um livro da noite para o dia. Ter uma primeira ideia e já executá-la de imediato, sem pesquisar, depurar, deixar assentar. Sem fazer esboço ou rascunho. Já ter uma ideia original e brilhante de primeira. Ver grandes autores como Natália Gregorini, Anita Prades, Odilon Moraes, André Neves, passando por processos semelhantes, de repensarem o trabalho várias vezes, percorrem tantos trajetos até a criação final de um livro ilustrado, me faz ver que, mais que investir em técnicas de desenho, preciso pensar narrativas, construções e também entender que tudo tem o seu tempo de investigação.

O trabalho que executo para uma das editoras que ilustro atualmente, exige um tempo muito curto para entrega. E Natália descreve isso também em sua pesquisa, diferenciando do seu trabalho autoral. “O trabalho comercial exige prazos bastante curtos e especificidades do modo de criação (como aprovação de rascunhos, modo de finalização etc.) que passaram também a fazer parte também de meu repertório criativo” (GREGORINI, p. 20, 2020). E, segundo ela, seus trabalhos autorais carregaram uma informação visual mais experimental.

Então, acredito que seja também parte desse processo, entender o tipo de trabalho que estou desenvolvendo. Porque não é em todo trabalho que eu vou poder aplicar tudo que aprendi, explorar técnicas. Às vezes o autor não vai me dar espaço para isso, às vezes o prazo vai ser curto. Mas quando eu for criar os meus próprios trabalhos autorais, pensar que posso ter mais espaço para outras experiências e experimentações, o que Natália fala ao abordar sobre a criação do seu livro *Madalena*²²:

Madalena vem sendo regado há aproximadamente 10 anos, desde quando decidi que seria ilustradora. Desde quando havia em mim a insatisfação de não conseguir enxergar unidade nos projetos que eu fazia em áreas diferentes, como a pintura e a gravura. Eu ansiava conseguir reunir os vislumbres que tinha em cada descoberta em um trabalho. Acredito

²² Livro *Madalena* - Natália Gregorini. Editora Livros da Matriz, 2019.

que Madalena é este trabalho, o meu primeiro livro ilustrado que reúne em si meus últimos dez anos de aprendizagem (GREGORINI, p. 21, 2020).

Natália discorre ainda sobre a importância do tempo de espera, de aprendizagem e assimilação. E eu entendo que o processo enquanto artista é também conectar com a minha essência, e para isso eu preciso escutar inclusive os meus silêncios.

4 Pós desafio – repercussão e o continuar

Eu recebi muitas mensagens de apoio pelo término do desafio. Foi muito importante me conectar com as pessoas por meio dos meus desenhos, sentir que elas também se transformaram junto comigo, que ficavam ansiosas esperando o resultado dos sorteios ou para ver o resultado final.

E por mais que eu tenha enfrentado muitos desafios ao longo de todo esse tempo, tenha tido vontade de desistir inúmeras vezes ou me contaminado com a síndrome do impostor, não me achando boa o suficiente, competente o suficiente, hoje eu reconheço o quanto ele foi importante para o meu crescimento enquanto artista, mas, principalmente, enquanto pessoa, tendo um olhar mais empático para o outro e entendendo a arte como uma possibilidade de aproximar realidades distintas e pessoas diferentes.

O desafio me moveu, não me limitou, foi um disparador. Permitiu que eu contasse histórias e a minha própria história com os desenhos. Que eu pesquisasse novas técnicas e materiais, inovasse. Pesquisei muito, observei outros artistas, olhei vários desenhos, fotos, criei uma rotina e uma frequência de criação, coisa que eu nunca tinha feito antes, nunca tinha desenhando tanto tempo por tantos dias, e tudo isso possibilitou que meu traço ficasse mais leve e mais rápido, mais preciso, me tirando do automático, me fazendo buscar novas soluções e expandir meu universo da arte.



23

Após o término do desafio, eu tirei alguns dias sem desenhar, precisava de um tempo também para assimilar e tudo que tinha acontecido. Então, recebi um convite da Luíza Pacheco, professora de artes do Colégio Santo Agostinho em Belo Horizonte, para dar uma palestra aos alunos do 5º ano sobre minha carreira enquanto artista e o desafio dos 100 dias.

²³ Imagem do desafio the100daysproject com o tema sobre a minha vida.

Foram nove turmas, cada uma em seu horário em um bate-papo descontraído. Resumimos aqui algumas das principais perguntas e comentários dos alunos.

Eu tentei primeiramente desconstruir com eles de que um desenho é bonito ou feio, mesmo eu às vezes também caindo nessa armadilha e também julgando meu trabalho dessa forma, é preciso entender que na arte, no meu entendimento, mas que acredito que possa ser um senso coletivo, não existe bonito ou feio, erro ou acerto, existe expressão, existe processo, existem traços e técnicas e objetivos diferentes com o que você quer passar, seja para um leitor de livro ilustrado quanto para um visitante em uma galeria de arte.

Durante um bom tempo eu também julguei o meu desenho com base só nesses conceitos superficiais de ser bonito ou feio. A arte é múltipla e pode agradar um e não outro. Cada um tem um olhar diferenciado para cada forma, cor ou elemento que representamos e esse olhar é muito subjetivo. Como diz Clau Cicala²⁴, ilustradora e design de estampas, em seu canal no Youtube, é mais uma forma de se sabotar. E é sempre se preocupar mais com o outro, com o olhar do outro, com a opinião do outro do que com a sua própria.

²⁴ Clau Cicala é ilustradora e designer de estampas. Criou o canal no YouTube “Transformando Designers em empreendedores, disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCD1vXoY4IHU5wIW1dPGyQ0w>, em outubro de 2009 para falar sobre sua vivência no mercado de estampa.

COMO VOCÊ APRENDEU A DESENHAR BEM, QUANDO ERA CRIANÇA? **VOCE JA PENSOU EM ILUSTRAR PARA FORA DO PAÍS?** QUAL VOCÊ PREFERE? QUANDO VOCÊ DESENHA DA SUA CABEÇA OU QUANDO VOCÊ FAZ O SEU TRABALHO A PARTIR DE UMA FOTO? **VOCE É MUITO BOA EM ALGUMA COISA ALÉM DE DESENHO?** QUANDO VOCÊ COMEÇOU O DESAFIO DOS 100 DIAS, VOCÊ JÁ SABIA COMO IA FICAR? **COMO VOCE EMENDA O DESENHO?** COMO VOCÊ SABIA COMO EMENDAR? **JÁ ACONTECEU, NESSE DESAFIO, DE ALGUÉM PEDIR ALGO QUE VOCÊ QUERIA MUITO DESENHAR?** QUAL É O SEU TIPO DE ARTE? ABSTRATA? REALISTA? **MEU PROFESSOR DE INGLÊS PODE SER JOGADOR DE FUTEBOL TAMBÉM?** QUANTO TEMPO VOCÊ DEMOROU PARA FAZER O DESENHO DO PONTILHISMO? **QUANDO O SEU PROFESSOR TE DISSE AQUILO, O QUÊ VOCE FALOU COM ELE?** **COMO VOCÊ FAZ PARA AS PESSOAS NÃO ACHAREM O SEU TRABALHO FEIO?** **O QUÊ VOCE FAZ QUANDO VOCÊ ACHA QUE O SEU DESENHO ESTÁ HORROROSO?**

VOCÊ JÁ TEVE ESSA MENTALIDADE DE QUE DESENHO BOM É DESENHO REALISTA? VOCÊ USOU RÉGUA OU FEZ RETINHO SEM? EU SEMPRE DESENHO PESSOAS EM UMA MESMA POSIÇÃO. COMO APRENDER A FAZER EM OUTRAS? VOCÊ JÁ FEZ TRABALHOS SEM SER SÓ NO PAPEL? MUITAS PESSOAS QUEREM DESISTIR. ISSO ACONTECE COM VOCÊ? DE ONDE VEIO A SUA VONTADE DE SER DESENHISTA? ALGUÉM TE INSPIROU? VOCÊ TEM ALGUMA TÉCNICA PARA DESENHAR TRANÇA? QUAL OBRA QUE VOCÊ FEZ, QUE VOCÊ MAIS GOSTOU ATÉ HOJE? COMO DESENHAR UM ROSTO REALISTA? QUANDO VOCÊ COMEÇOU A DESENHAR ANTES DE SER PROFISSIONAL? QUAL FOI A PRIMEIRA FACULDADE QUE VOCÊ FEZ? TODOS OS DESENHOS QUE VOCÊ FEZ NO DESAFIO SÃO REALISTAS? VOCÊ DEIXA UMA IMAGEM DE REFERÊNCIA PERTO, PARA OLHAR?

Segundo Clau Cicala, isso só bloqueia a mente, quanto mais a gente se permite, explora e não tem essa crença limitante, mais a gente traz sentido para a gente e mais da nossa personalidade a gente consegue expressar, para deixar fluir toda a criatividade que temos dentro da gente.

Cada um tem o seu processo e sua forma de criar. Não se limitar é também parte do autoconhecimento.

Carlos Eduardo Andrade Loureiro, ou Cadu, aluno da minha turma da pós, em seu TCC, realiza uma entrevista com Aline Abreu²⁵, autora e ilustradora, e Odilon Moraes, justamente para falar sobre erro na arte. Nessa entrevista, Aline Abreu diz que deixa algumas coisas ao acaso e vê o que vai aparecer, que pode não servir para um trabalho, mas para o outro. Ela tende a abraçar o processo e enxerga o erro como um “motor para uma nova criação”. Aline encara tudo como aprendizado e diz que “todo trabalho de criação é risco, então é aprender a usar os erros a seu favor. Sem os riscos, vamos nos repetindo”.

Odilon Moraes²⁶ diz que “quem não se move, não erra” e questiona se achamos importante nos movimentarmos em nossas vidas. Segundo Odilon, “o artista deve ser errante, deve constantemente errar. É uma condição para ser artista”. O medo de errar acaba não deixando o artista livre para criar e o limita.

Voltando à palestra realizada com os alunos do Colégio Santo Agostinho, muitos deles perguntaram várias vezes também sobre desenho realista. E infelizmente eu vejo a tendência de acharmos que um bom desenhista se aproxima mais desse tipo de representação. E muitas vezes eu também cai nessa armadilha e mantive essa crença limitante de que só o desenho realista era bom, admirado, bonito. O desafio dos 100 dias me ajudou a desconstruir muito isso, quando me permiti criar com o dedo, por exemplo, ou quando precisei criar

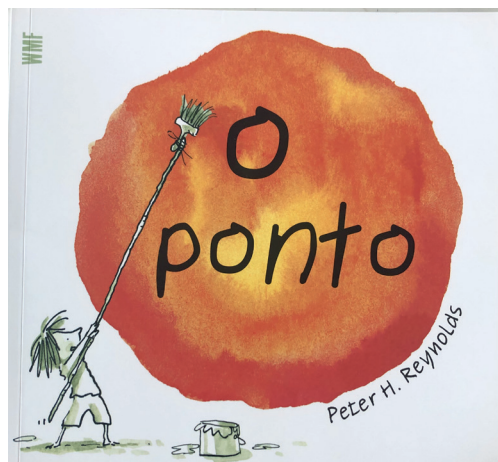
²⁵ Aline Abreu é escritora e ilustradora de livros infantis. Já ilustrou mais de 10 títulos, além dos seis em que é escritora e ilustradora. Mestre em Literatura e Crítica Literária, na PUC/SP, Aline pesquisa a relação palavra e imagem nos livros infantis. Nota retirada do site da Jujuba Editora.

²⁶ Odilon Moraes formou-se em arquitetura pela USP, mas nunca exerceu a profissão. Ilustra livros há mais de vinte anos, e também escreve alguns deles. Assim como Carolina, gosta do tipo de literatura que usa palavras e imagens simultaneamente. Por sua obra para crianças, foi vencedor três vezes do Prêmio Jabuti (duas delas como melhor ilustrador) e três vezes do Prêmio FNLIJ de melhor livro do ano. Além de ilustrar e escrever, dá cursos e oficinas sobre a história do livro ilustrado. Nota retirada do site Companhia das Letras.

antes inspiradas na artista Yayoi Kusama²⁷, artista japonesa, que se distancia desse tipo de representação.

Expliquei para eles que não é só esse tipo de desenho que existe e citei grandes nomes da pintura que admiro e não seguem essa linha, como Picasso e Miró, por exemplo. Se compararmos um dos retratos de Da Vinci, mestre do Renascimento, e uma obra cubista de Pablo Picasso, vemos nítidas diferenças nas formas de retratação de figuras humanas, por exemplo, e um não é melhor que o outro ou mais bonito, são apenas diferentes possibilidades, técnicas, estilos, experiências, vivências e também épocas, realidades e movimentos distintos em que viviam.

Uma última pergunta que quero destacar que os alunos me fizeram foi sobre quando eles descobriram que além de artista eu também sou professora particular de inglês. Muitos questionaram se poderiam escolher então duas profissões. E eu disse que sim, eles poderiam ser mais de uma coisa, porque no fundo, somos todos múltiplos, não é possível colocar toda a complexidade do nosso ser em uma única caixinha.



28

Ainda sobre o saber ou não desenhar e sobre o que consideramos bonito ou feio, Peter Reynolds²⁹, autor e ilustrador canadense, em seu livro *O ponto*, lançado no Brasil em 2005, pela editora WMF Martins Fontes, a pequena Vashti, ao término da aula de artes, continuava

²⁷ Uma artista japonesa contemporânea, conhecida por seu uso excessivo de bolinhas e pelo seu grande número de instalações artísticas. Ela empregou pintura, escultura, arte performática e instalações em uma variedade de estilos, incluindo a pop art e o minimalismo.

²⁸ Capa do livro *O ponto* de Peter H. Reynolds, 2005.

²⁹ Peter Hamilton Reynolds é autor e ilustrador de livros infantis [1] e fundador da empresa de mídia educacional FableVision.

com sua folha de papel em branco dizendo que não sabia desenhar. Identifiquei-me com o livro e acredito que todo mundo talvez tenha um pouco de Vashti dentro de si.

Na história, a professora de artes então pede que ela faça uma marca no papel para ver no que daria e a menina desenha um ponto. A professora pede que ela assine a obra. Vashti pensou e disse: “Bem, pode ser que eu não saiba desenhar, mas SEI assinar meu nome” e assina o papel.

No dia seguinte, ela é surpreendida com a sua obra emoldurada na parede sobre a mesa da professora. Então, indignada, alega que sabe fazer um ponto melhor do que aquele. E começa a desenhar pontos de todos os tipos e tamanhos, misturando cores e tintas, fazendo até mesmo um ponto sem pintar.

Na exposição de artes da escola, seus pontos fazem sucesso e um garoto a aborda dizendo que gostaria de saber desenhar como ela, alegando que ela era uma grande artista. Vashti dá um papel ao menino e pede que ele faça um desenho. Ele faz uma linha. Em seguida ela termina dizendo: “por favor... assine.”

Talvez, no fundo, todo mundo tenha um artista dentro de si e todo mundo saiba desenhar do seu jeito. Mas ficamos tão ligados ao desenho realista como a única forma possível que nos esquecemos de que arte é expressão. Como aparece no texto da quarta capa do livro, “a professora sabe que todos são capazes de criar. Onde há um ponto, há um caminho...”

Só precisamos nos libertar do pudor, das comparações, das restrições que fazemos a nós mesmos e do julgamento (nosso e dos outros), de acharmos que o que fazemos não é bom o suficiente. Pode até ser que eu não fique satisfeita com algum trabalho. Mas isso não me faz incompetente e nem menos artista ou capaz. É sempre uma oportunidade para aprimorar e deixar a arte fluir.

5 Considerações finais

Indivíduo se reconecta com os seus espaços
e se (re)entende no mundo quando o sonho é possível

Autor desconhecido³⁰



31

³⁰ Post com citação que vi no instagram, mas sem citar o autor da frase.

³¹ Foto da entrada do meu prédio com todas as imagens do desafio reunidas.

O desafio dos 100 dias foi um divisor de águas na minha vida. E eu vi o quanto isso fortaleceu o meu trabalho enquanto artista, confirmando as minhas escolhas de seguir por este caminho.

Ao longo deste trabalho, apresentei algumas imagens que criei durante os 100 dias. Foram algumas das mais significativas para mim, seja por ter conseguido criar um efeito interessante ou fazer um desenho que eu não esperava que o resultado ficasse tão bom, seja por representar momentos em que a minha superação esteve presente.

Por meio dele, entendi também os múltiplos caminhos que posso seguir, fazendo desenhos aleatórios, livros ilustrados, livros didáticos, paredes e seja qual suporte, formato, tema, modelo, estilo, técnica, objetivo for, desde que eu continue envolvida com arte. E eu entendo o quanto caminhos que eu já percorri e que trazem conforto para mim, com técnicas que eu já trabalhava, por exemplo, ainda podem ser espaços que eu posso explorar muito, eles ainda têm muito o que ensinar.

Ele me afetou muito porque me fez enxergar o meu percurso como ilustradora, para construir meu referencial. Tudo que eu vivi, todas as pessoas que conheci, todos os lugares que visitei, as coisas que experimentei e as experiências que tive foram responsáveis por me ajudar a construir esse repertório que não acaba aqui. E que ainda preciso experimentar muita coisa, pesquisar ainda mais, praticar, e pensar que não existe erro no processo, ele apenas faz parte do percurso que estou construindo.

Percebi que a arte veio como forma de pulsar em meio ao caos, foi possível deixá-la mais acessível, trazendo conforto, esperança, nostalgia, aproximando as pessoas da arte. E também, uma forma de trazer mais sentido para a minha vida, afinal, eu estava compartilhando muito de mim em tudo que representei e vivi. E me identifiquei com um trecho em que Anita Prades cita Petit:

De fato, ao longo da vida, para construir um sentido, para nos construirmos, jamais deixamos de contar, em voz alta ou no segredo da nossa solidão: nossas vidas são completamente tecidas por relatos, unindo entre eles os elementos descontínuos (PRADES, Anita, 2019, p. 48 apud PETIT, 2010, p. 122).

Eu trouxe como tema deste trabalho a arte como re(existência), fazendo um trocadilho com re-existência e resistência. Primeiramente, porque como tudo começou ao longo da pandemia pela Covid-19, eu percebi que há um vínculo estreito entre a produção artística e seu contexto e, não somente eu, mas vários outros artistas, se reuniram para criar artes colaborativas para incentivar as pessoas a ficarem em casa durante esse período. Para resistirmos, que aquele momento de dor, angústia, incerteza iria passar. Foi uma forma de resistir, de trazer um pouco de sanidade e conforto para quem os desenhos pudessem alcançar. Não somente desse tipo de arte colaborativa, mas de qualquer forma de expressão dela.



³² Arte colaborativa minha com as artistas Mona Borelli, Clara Reschke, Maju Capelato, Natalia Sayuri, Mariana Bandeira, Thaís Finger, Luma Santos e Victoria.

E segundo, a arte como uma re-existência, trazendo um novo significado, uma nova forma de olhar para mim, para os meus desenhos, para o meu processo, aceitando as minhas limitações e percebendo a minha evolução com cada traço. Sei que ainda é necessário olhar para todo esse percurso novamente, e fazer um mergulho dentro de mim, um olhar investigativo e curioso, pegar, me encontrar e desconstruir.

Com este desafio, eu criei um mapa de encontro de mim mesma. Foi um período de transformação que me fez ter segurança do lugar que quero estar: aquele que afeta as pessoas.



33

³³ Exemplo de como os trios se encaixam no feed do meu instagram @coresdoquintal. Cada trio tem um tema e todos os desenhos se conectam por algum elemento ou traço.

REFERÊNCIAS

AFILTRO. Disponível em: <https://afiltro.com/portfolio2/natalia-gregorini/>. Acesso em abr/2021.

BIERUT, Michael. **Five Years of 100 Days**. Design Observer. Disponível em: <https://designobserver.com/feature/five-years-of-100-days/24678>. Acesso em 2020.

CHRISTOV, Luíza. Aula online da pós-graduação O livro para infância na Casa Tombada. São Paulo, 4 jul. 2020.

CICALA, Clau. **Desenho bonito ou feio?** Ah! parou hein! {B.E.} Brasilidade Estampada. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fE3l2Jv-prs>. Acesso em jan. de 2021.

COMPANHIA DAS LETRAS. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00762#:~:text=Ilustra%20livros%20h%C3%A1%20mais%20de,de%20melhor%20livro%20do%20ano>. Acesso em fev. 2021.

ESCAVADOR. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/10850203/beatriz-dos-reis-de-castro-barros-silva>. Acesso em mar. 2021.

FELTRE, Camila. Reunião online com orientadora Camila Feltre. São Paulo, 7 out. 2020.

_____, Reunião online com orientadora Camila Feltre. São Paulo, 3 de mar. 2021.

FRECHETTE, Alex. **A arte como ferramenta de protesto, resistência cultural e política**. TV Brasil. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estudiomovel/episodio/a-arte-como-ferramenta-de-protesto-resistencia-cultural-e-politica>. Acesso em 2020.

GATO LEITOR. Disponível em: <http://www.gatoleitor.com.br/autores/fabio-monteiro>. Acesso em fev. 2021.

Instagram pessoal. Disponível em: <http://www.instagram.com/coresdoquintal>. Acesso em 2020.

GREGORINI, Natália Regina. **Uma história sobre o tempo** - o processo de criação do livro

ilustrado Madalena. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, SP. 2020.

JUJUBA EDITORA. Disponível em: <https://www.jujubaeditora.com.br/pagina-aline-abreu#:~:text=Aline%20Abreu%20%C3%A9%20escritora%20e,e%20imagem%20nos%20livros%20infantis>. Acesso em jan. 2021.

_____. Disponível em: <https://www.jujubaeditora.com.br/pagina-aline-abreu#:~:text=Aline%20Abreu%20%C3%A9%20escritora%20e,que%20%C3%A9%20escritora%20e%20ilustradora.&text=Pela%20Jujuba%20Editora%2C%20Aline%20publicou,Infantis%20do%20Ano%2C%20edi%C3%A7%C3%A3o%202014..> Acesso em fev. 2021.

LOUREIRO, Carlos Eduardo Andrade. “**Erro**” – Pré-projeto de TCC – Fragmentos de entrevista com os autores e ilustradores Aline Abreu e Odilon Moraes. Dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NEMh02KYQ8c>. Acesso em dez. 2020.

MONTEIRO, Fábio. Aula online da pós-graduação O livro para infância nA Casa Tombada . São Paulo, 9 mai. 2020.

Networking doesn't have to suck. Women Catalyts. Disponível em: <https://www.womencatalysts.com/>. Acesso em 2021.

NEVES, André. Aula online da pós-graduação O livro para infância nA Casa Tombada. São Paulo, 8 nov. 2020.

Oficina de criação do livro ilustrado com Odilon Moraes e Carolina Moreyra – A Casa Tombada. São Paulo, jan. 2019.

PAULINAS EDITORA. **Biografia.** Disponível em: https://www.paulinas.org.br/editora/?system=autores_ilustradores&action=detalhes&autor=106212. Acesso em 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler:** ou como resistir a adversidade. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo. Ed. 34, 2009.

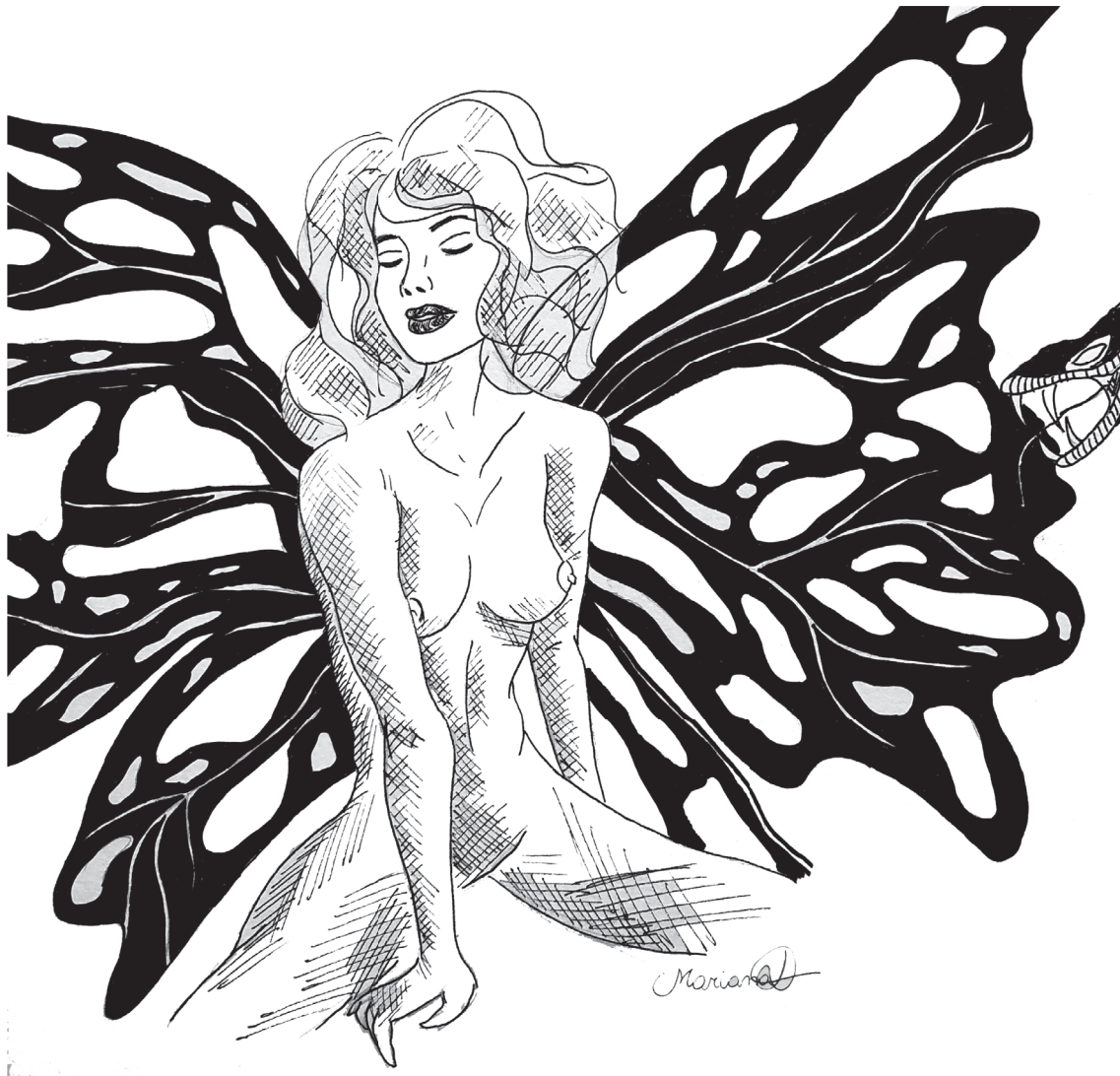
PRADES, Anita Novaes. **Trajetórias de um fio de rio:** narrar por imagens no contexto do livro ilustrado. Universidade Estadual Paulista -Instituto De Artes – Campus São Paulo. São Paulo, 2019, 196p.

REYNOLDS, Peter H. **O ponto**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2019.

SILVA, Beatriz dos Reis de Castro Barros. **O livro ilustrado na literatura infantil contemporânea** – a relação entre o texto e a imagem em obras brasileiras. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-graduação interunidades em estética e história da arte. São Paulo, 2018, 162p.

WIKIPEDIA. **Peter H. Reynolds**. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Peter_H._Reynolds. Acesso em mar. 2021.

Yayoi Kusama: a sua criação artística e a esquizofrenia. Art|Ref. Disponível em: <https://arteref.com/arte-no-mundo/yayoi-kusama-a-esquizofrenia-e-a-arte/>. Acesso em mar. 2021.



34

ANEXO I

Descrição um pouco mais detalhada de cada tema do desafio dos 100 dias. Foram mais de 30 temas diferentes propostos pelos seguidores:

1) **Luta antirracista**

O sorteio desse tema coincidiu com o período em que George Floyd, homem preto, foi assassinado nos Eua, dando vida a hashtag #blacklivesmatter, que repercutiu no

³⁴ Imagem do desafio the100daysproject com o tema Mitologia.

mundo inteiro, ampliando a voz e dando corpo à luta antirracista. Foi também pouco antes o assassinato de João Pedro, 14 anos, na periferia do Rio de Janeiro. De acordo com Eduardo Medeiros, o número de mortes de pretos corresponde a 75% do total de homicídios no país. E durante esse tempo, vários artistas fizeram ilustrações em forma de manifestação, trazendo a arte como manifestação cultural e forma de protesto e a imaginação como forma de resistência.

2) **Anne with na E**

O segundo tema foi sobre a série do Netflix, Anne with na E, baseada no livro “Anne de Green Gables”, uma órfã que é adotada por um casal de irmãos solteiros do interior e uma série que traz muitas reflexões sobre desigualdades, classe social, adoção. A arte mais uma vez trazendo discussões da vida real para as telas e para o papel.

3) **Harry Potter**

O bruxo mais famoso do pedaço, também órfão que precisa lutar com seus amigos para combater aquele-que-não-deve-ser-nomeado. A saga Harry Potter denominada Best-seller, também foi para os cinemas, movimentando milhões de fãs no mundo inteiro e levantando a polêmica de ser considerado Best-seller por ser um livro de ficção adolescente. Mas o bruxo e seus companheiros, em contrapartida, fizeram milhares de pessoas que não se interessavam por livros e por leitura, devorarem a coleção. O que é considerado um livro bom ou ruim afinal de contas?

4) **Belo Horizonte**

Minha cidade natal foi o quarto tema sorteado e as imagens que escolhi para representar pontos turísticos da capital mineira tiveram tanta repercussão que foram repostadas em várias contas sobre Belo Horizonte e eu resolvi estender esse tema por mais uma semana, sem fazer sorteio na semana seguinte e quebrando um pouco as regras que eu mesma havia criado. 4.634 contas foram alcançadas com as seis publicações sobre Belo Horizonte, trazendo a arte mais uma vez como algo acessível. Os desenhos fizeram tanto sucesso que acabei imprimindo em tamanho 20x20 e vendendo como quadros decorativos. Arte impulsionando negócios.

5) **Década de 90**

O quinto tema foi sobre a década de 90, fazendo um verdadeiro mergulho no passado e trazendo nostalgia para quem acompanhou o processo. A cada desenho do trio, fui representando filmes, músicas e desenhos da época. E desde o primeiro tema, é a primeira vez que trabalho com tinta acrílica e lápis de cor, desenhos com contorno preto e uma arte mais colorida, que achei que conversava com o tema. Cada tema proposto, eu sentia qual técnica eu acreditava mais combinar e fazia aplicação dela. Para todos os anteriores, utilizei aquarela.

6) **Chapadas Brasileiras**

Mais uma vez trazendo a realidade para o papel, um pouco da cultura brasileira e suas paisagens. Para o trio das Chapadas eu tentei me aproximar mais do desenho realista, preservando sombras e formas. E fiz pesquisa de muitas fotos sobre as três Chapadas escolhidas, reforçando a importância de como o trabalho de um artista/ilustrador também envolve muita pesquisa. Para os trabalhos, como eu precisava criar um desenho por dia, não tinha tanto tempo para fazer esboços, então a primeira imagem que criava era praticamente a imagem final que utilizava para dar acabamento depois. Eu acabei me surpreendendo com o resultado final, não imaginei que os desenhos ficariam tão bons.

7) **Fundo do mar**

Nesse trio, aproveitei para falar sobre a minha paixão pelo mar e fiz muita pesquisa para ver quais animais e formas marinhas representaria. Fiz uma mistura de aquarela e tinta acrílica, mas sem contorno, com várias nuances e camadas, respeitando as formas, mas trazendo um pouco de ludicidade ao desenho. Está entre meus trios favoritos.

8) **Paulinho**

Paulinho é meu sobrinho. O tema sorteado (sem marmelada) foi sugerido pela minha cunhada e fiquei super emocionada de poder retratar uma pessoa que amo tanto. Para esse trio, resolvi pegar três fases dele, ainda neném, um pouco maior e já na idade atual,

mas colocando muita ludicidade no fundo, representando como surfista, caçador de aventuras e como o Luigi dos irmãos Mário.

9) **Cinema**

Foi um tema que precisei fazer muita pesquisa e muita busca, porque fiquei sem saber o que representar com tantas possibilidades. O primeiro trio, logo que foi sorteado o tema, eu já tinha certeza de que traria os clássicos, os irmãos Lumière, Charles Chaplin e a dupla o Gordo e o Magro. Para o tema, com certeza os desenhos precisariam ser preto e branco então utilizei lápis grafite, uma técnica que eu não usava mais há tempos. Os dois desenhos seguintes do mesmo trio continuaram na mesma linha. Não foram desenhos que eu gostei muito do resultado final, tentei aproximar mais do desenho realista com lápis, mas ainda fiquei muito nas nuances 2D, fazendo contrastes com partes mais claras e mais escuras.

10) **Universo**

Este tema foi o que o resultado final mais me surpreendeu e eu fiquei muito orgulhosa e satisfeita. Eu não tinha muito tempo para fazer, então fui arriscar desenhar sem esboço, com manchas aguadas de aquarela e pastel seco, técnica que eu não domino muito bem. E foi tão rápido, com o traço tão solto, tão leve. Eu fiquei muito feliz mesmo com esse trio.

11) **Rio São Francisco**

Eu ainda não tive oportunidade de conhecer o Rio São Francisco de perto, então foi um tema bem difícil de representar. Utilizei também aquarela e pastel seco, mas em um desenho mais forte, marcado, com tons de marrom e sépia. O primeiro desenho eu fiz, mas fiquei muito insegura com o resultado. Postei, porque é o que eu tinha feito, mas sem gostar muito do desenho. O segundo desenho do trio eu já me surpreendi com o resultado e como consegui trazer os mesmos materiais de outra forma, fazendo reflexo na água. E o último desenho do trio, eu acabei fazendo também porque precisava terminar e entregar. Percebo que ao mesmo tempo em que alguns desenhos que fiz sem muita expectativa e também sem muita vontade, diga-se de passagem, que me surpreenderam positivamente, outros, em compensação, eu não postaria se não

estivesse no meio do desafio. E foi uma das maiores lições que tive nesse tempo, nem tudo que eu fizer estará do meu gosto e perfeito aos meus olhos e é preciso aceitar que isso faz parte do trabalho de criação, faz parte do crescimento e do processo.

12) **Savana**

Quando esse tema saiu, fiquei muito feliz, porque desenhar animais é uma das coisas que mais gosto. Mas também foi um trio que mantive o uso do pastel seco. Eu acho que para detalhes e formas pequenas, essa técnica não traz muita precisão no traço, então eu acabei misturando com tinta acrílica e não gostei muito do resultado.

13) **Literatura Brasileira**

Se eu sofri para representar alguns desenhos porque não gostei do resultado final ou achei que a técnica escolhida não tinha sido a melhor, com este trio certamente foi o que mais me fez descabelar e pedir ajuda aos universitários. Mandei mensagem para alguns amigos da pós, Lucas, Ligia, Érica e Tatiana Barreto para me ajudarem sobre o que eu poderia representar com esse tema tão vasto e tão importante. Fiquei pressionada a fazer algo inovador, criativo, inusitado e não conseguia tirar nada no papel em branco. Eu não queria fazer um desenho dos autores, como fiz com os personagens no tema Cinema. E os amigos da pós sugeriram representar os grandes personagens. Foi uma pesquisa muito vasta. Lembro-me de ficar ansiosa, agitada. Escolhi deixar todos os desenhos com traços em nanquim, técnica que adoro, mas ainda não tinha utilizado para esse desafio. E o resultado final me surpreendeu muito. Eu adorei esse tema. E vi que muitas vezes ao longo do meu trabalho como artista eu também fico com a mesma ansiedade quando não sei como trazer para o papel a representação do que quero dizer.

14) **Rock'n'Roll**

Coincidentemente este tema saiu no mesmo dia em que é comemorado o dia mundial do Rock. Trouxe uma arte mais próxima do grafite e ora representei as faces de alguns nomes da música, ora as suas logomarcas.

15) **Frida Kahlo**

O trio da Frida Kahlo certamente foi o mais difícil de representar. No dia de fazer o segundo desenho do trio, eu recebi uma notícia que tirou o meu chão e eu não tive forças para nada. Eu quis desistir de mim mesma nesse momento, foi muito forte e muito arrebatador. E justo no trio que representa uma artista com uma história de lutas, sofrimento e batalhas, mas que sempre teve a arte como seu ponto de fuga, seu apoio, seu suporte, seu momento de lucidez. E foi nesse dia que senti que a arte na minha vida era muito mais que só me expressar, mas era uma forma de me resgatar da insanidade. Para o desenho desse dia especificamente, eu fiz uma representação de “La columna rota”, com a Frida se retratando despedaçada e com pregos em todo o corpo. Era assim que me sentia. “No estoy enfermo. Estoy partida. Pero me siento feliz de seguir viva mientras pueda pintar”. E eu estava ali, pintando e viva.

16) **Yayoi Kusama**

Nesse tema, eu ainda estava muito fragilizada, e fiquei feliz por poder representar algo que não me exigiria tanto tempo de pesquisa ou dedicação. O tema foi a artista e escritora japonesa Yayoi Kusama. Eu já tinha visto alguns de seus trabalhos e fiquei encantada com os traços mais simples e formas geométricas, principalmente pontos e bolas, assim como o uso de muitas cores vivas e chapadas. Usei frases do livro Alice no país das maravilhas junto aos desenhos. Foi o único trio que tende um pouco para formas mais soltas.

17) **Borboletas**

Este trio foi particularmente especial e fiquei muito feliz com o resultado da criação de uma estampa de borboletas e flores com aquarela e nanquim. Um amiga acabou fazendo a impressão desses desenhos e fez um caderno para mim com a estampa. E ao apresentar o tema do meu TCC pela primeira vez à turma da Casa Tombada, a coordenadora Cristiane Rogerio declamou para mim o poema de Cecília Meireles, “Voo”:

Alheias e nossas as palavras voam,
Bando de borboletas multicores, as palavras voam
Bando de andorinhas, bando de gaivotas brancas, as palavras voam.

Viam as palavras como águias imensas.
Como escuros morcegos como negros abutres, as palavras voam.
Oh! Alto e baixo em círculos e retas
Acima de nós, em redor de nós as palavras voam.
E às vezes pousam.

E eu entendi que a arte para mim poderia ser representada de várias formas, ter muitos significados. Mas que era dela que eu queria viver e trabalhar e seguir o meu próprio caminho. Voar e talvez pousar.

18) **David Hockney**

Eu também já tinha visto algumas de suas obras com piscinas, ele é um dos artistas vivos mais bem pagos atualmente. Mas fui conhecer um pouco mais do seu trabalho por ter sido o tema sorteado. Eu acredito que seja o meu trio preferido. Trabalhei somente com aquarela e consegui um resultado tão diferente do que já tinha feito até então. E fui surpreendida quando o próprio David Hockney curtiu meu trabalho inspirado na obra dele.

19) **Folclore brasileiro**

Este tema foi muito gostoso de trabalhar. Eu já estava mais confiante e vi que desde o trio da Frida Kahlo eu estava conseguindo fazer ilustrações com propostas bem diferentes de tudo que já tinha feito até então. Para este trio, usei, além de aquarela, canetinha hidrocor, a escolar mesmo. E achei que o resultado ficou tão alegre, a cara do folclore. E foi um dos temas que mais tive comentários também. As pessoas relembrando os personagens da nossa cultura.

19) **Ayrton Senna**

Quando este tema foi sorteado, eu não gostei. Não era o tipo de desenho que eu queria fazer. Lembro-me de ter assistido a várias corridas dele quando era pequena, chorar a sua morte e sei que ele é um grande ídolo nacional, mas não estava com a mínima vontade de desenhá-lo. E também, depois de ter me reinventado nos últimos trios, ter feito trabalhos tão interessantes, eu não queria mais “deixar a peteca cair”. Era uma espécie de competição comigo mesma. Eu queria fazer desenhos cada vez melhores

e mais criativos. Cada vez mais diferentes. E foi então que decidi representá-lo com canetinha hidrocor somente em três tons: amarelo, azul e cor de rosa. O resultado dos dois primeiros desenhos até me surpreendeu. E também foi muito comentado. Os desenhos não eram mais só meus. Eram de todo mundo.

20) **Disney**

Quase chegando ao final do desafio, o tema Disney, que já tinha aparecido tantas vezes em outros comentários, foi sorteado. Eu tive vergonha desse desenho. Pensei nos meus colegas da pós vendo. Nos autores de livro ilustrado. Que eu estava fazendo um desenho bobo e medíocre. Esse trio chegou a ser assunto na terapia. E nas conversas para minha psicóloga ela me perguntou o que eu queria com a minha arte. Se era trazer isso para perto das pessoas comuns, que não tinham acesso, que talvez nem soubessem o que era um prêmio Jabuti ou que prêmios assim não fizessem a menor diferença, então eu estava cumprindo meu objetivo. Mas depois de fazer tantos desenhos diferentes, com técnicas novas e resultados que eu tinha muito orgulho, simplesmente representar os personagens da Disney em lápis de cor me davam vergonha. E eu conversei muitas vezes com o Lucas sobre isso. Sobre o papel da pós, sobre o meu papel enquanto artista.

Ao começar a pós e ter acesso a tantos livros ilustrados, os Picture books, que ainda não têm um consenso do seu significado, mas que para mim são os livros em que texto verbal e texto imagético criam suas próprias narrativas, às vezes dizendo o que o outro não diz, às vezes se complementando e, às vezes, inclusive se contradizendo, mas não deixando tudo escrito para o leitor, permitindo que ele sinta, leia as entrelinhas, leia as imagens, leia o que não está escrito, interprete à sua maneira. E vendo tantos artistas referência nessa área como Odilon Moraes, Renato Moriconi, André Neves, Alexandre Rampazzo, Natália Gregorini, entre tantos outros, eu acreditei que só isso era bom, só isso tinha valor e acabei desvalorizando tudo que eu fazia e todo o meu trabalho que não estava nessa mesma linha.

E o Lucas me disse que reconhece mais a Mariana quando trabalho com riscos, linhas e traços mais soltos, que ele me enxerga pulsando nesses trabalhos. Que a arte era resistência, um permanente estado de resistência, que não há outro caminho, pode ser dolorido, mas era esse. E que a arte visual extrapolava a ilustração de livros, e eu não

era só uma ilustradora de livros, mas eu também ilustrava livros, e meu trabalho poderia estar em diferentes plataformas, o livro era apenas uma delas. E por isso o trabalho de percepção, de ver grandes artistas, de perseguir a minha arte, uma investigação permanente que era feita de tentativas. Erros e acertos, mas na verdade não existem erros. Era persistir. E não se comparar. Eu não era como o Alexandre Rampazzo porque eu era eu mesma, a Mariana. E o que eu fazia era muito diferente, mas não era pior ou melhor, não tem juízo de valor do que é melhor ou pior, apenas a forma de comunicar que era diferente.

Completo dizendo que as referências servem para nos inspirar, para nos engajar, mas não para nos limitar e nos fechar. E também para não pensar que um dia eu iria ser. Eu já sou uma artista e tenho minha potência e minha expressão. Não está para vir a ser, já é. Se eu penso que vai vir a ser, estou negando o que já existe. Isso já se expressa, já tem potência, já tem força e investir no trabalho de investigação. Que poderia durar anos em busca do que eu queria achar, o que não significa que eu já não tenha alguma coisa.

Tudo isso me confortou e fez enxergar meu próprio trabalho com outros olhos. Então, acabei fazendo mais um trio com o tema da Disney, sem cobrança, sem pensar na obrigação de fazer algo criativo, inusitado, original. E o segundo trio ficou melhor do que eu imaginava, me permitindo inclusive fazer questionamentos sobre as referências das princesas Disney.

21) **Mulheres que marcaram a história**

Tema que me exigiu bastante pesquisa também, mas fiz um trabalho com colagem de palavras, mesclando com lápis grafite e nanquim e gostei muito do resultado. Eu sempre quis trabalhar com colagens e esta foi a minha primeira tentativa, ainda tímida, mas já dei mais um passo.

22) **Chaves**

Também foi um tema que já tinha sido pedido varias vezes nos comentários e foi sorteado. Eu não queria que saísse, mas me possibilitou exercitar um pouco mais os traços de rosto com lápis grafite.

23) **As minhas viagens ao redor do mundo**

Eu já estava cansada do desafio. Desenhar todos os dias ininterruptamente, na verdade, desde o desafio das sereias, já estava no meu 87º dia desenhando direto. E eu queria uma pausa, um tempo para respirar. Ia aproximando perto do final e a vontade de desistir era maior. E ao ser sorteado um tema sobre a minha própria vida e experiência de viagem me devolveu os ânimos que faltavam para completar e chegar ao final. Foi ótimo reviver tantos lugares que fui, fotos, histórias. E eu criei manchas de aquarela bem suaves com desenhos no nanquim que fiz sem esboço a lápis, diretamente no papel, me permitindo sobrepor formas e camadas.

24) **Amazônia**

Quando saiu este tema, a primeira coisa que eu não quis foi representar índios e sair desse estereótipo. Então eu fiz muita pesquisa para ver o que iria desenhar. E também criei diretamente no papel, de forma até muito rápida, desenhos com pastel oleoso, outra técnica que não utilizo muito por não me dar tanta precisão em traços finos, pequenos e delicados. Então eu fiz desenhos grandes, com poucos detalhes e o resultado também me surpreendeu muito.

25) **Mitologia**

Este trio também me demandou fazer muita pesquisa e eu optei por representar a Mitologia Grega, trazendo sempre figuras de mulheres. Trabalhei só com nanquim, trazendo as figuras em preto e branco.

26) **Praias do Nordeste**

Eu estava com muita preguiça de fazer desenho bem detalhado, com aquarela que exige mais tempo e precisão ou com qualquer outra técnica que demandasse muito. Então, resolvi desenhar com o dedo e tinta acrílica, fazendo cada desenho em questão de minutos. Muito diferentes de tudo que eu já tinha feito, mas eu me diverti fazendo e me permiti ser livre para criar algo assim.

27) **Futebol mineiro**

Foi o tema que eu mais detestei fazer. A palavra seria essa mesmo, detestar. Eu não consegui pensar fora da caixa, trazer algo que não fosse campo e jogadores e os próprios símbolos dos times. Acabei utilizando lápis de cor para completar, que é uma das técnicas que menos gosto do resultado. Talvez por isso eu não tenha gostado desse trio também. Mas faz parte do processo. Postei e segui com o próximo trio.

28) **Padre Eustáquio**

Padre Eustáquio é o nome de um beato holandês responsável pela ordenação como padre da Congregação dos Sagrados Corações, em Belo Horizonte, MG. E no dia 30 de agosto, justamente o dia em que seu nome é celebrado e acontecem diversas missas e homenagens a ele na igreja que fundou, localizada no bairro de mesmo nome, foi sorteada essa sugestão.

Para o tema, resolvi usar lápis grafite retratando o próprio beato, a igreja e no último desenho do trio, uma representação do bairro Padre Eustáquio quando começou a ser fundado.

29) **Japão**

Quase chegando ao final do desafio, o tema do trio dessa vez foi Japão e eu resolvi representar lendas japonesas e trazer um pouco da cultura desse país. Foi muito interessante que várias pessoas também não conheciam essas lendas. A arte como oportunidade de ampliar acesso à cultura.

30) **Londres**

O penúltimo trio sorteado teve o tema Londres. Eu resolvi fazer trabalho com sobreposição de imagens e temas, misturando seus pontos turísticos com grafites de artistas locais. Eu gostei muito do resultado. Achei que ficou melhor do que eu imaginava, utilizei muitas técnicas como lápis de cor, aquarela, nanquim e caneta hidrocor. Acho que como já estava no final, eu me permiti arriscar ainda mais.

31) **Minha trajetória enquanto artista**

O último trio foi mais uma exceção à regra. Eu já tinha pensado desde o início que não faria sorteio para esse tema, que seria algo que eu mesma gostaria de desenhar, mas ainda não tinha tido ideia do que representaria. Então, um seguidor que acompanhou todo o trabalho, disse que gostaria de ver o último trio sobre a Mariana, que ao longo do desafio eu realizei a vontade de várias pessoas, mas não a minha. E que ele queria saber um pouco mais sobre quem era a artista por trás dos desenhos.

Então, resolvi criar uma sequência de imagens com alguns desenhos que fiz ao longo da vida, desde borboletas e contorno da mão enquanto criança, passando por um trem-fantasma que foi o tema do desenho que criei quando ganhei um concurso de desenhos com 14 anos e fui com tudo pago para a Disney, até minhas últimas representações que têm me deixado muito feliz, com pontilhismo. E na legenda do post, contei um pouco mais sobre toda essa minha história.